

**NO OLHO DO FURACÃO, NA ILHA DA FANTASIA¹:
PRECARIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DOS
TRABALHADORES NA TERRITORIALIZAÇÃO DO
COMPLEXO CELULOSE/PAPEL NO MATO GROSSO DO
SUL²**

***EN EL OJO DEL HURACÁN, EN ISLA DE LA FANTASÍA:
PRECARIZACIÓN Y RESISTENCIA DE LOS
TRABAJADORES EN LA TERRITORIALIZACIÓN DEL
COMPLEJO CELULOSA/PAPEL EN MATO GROSSO DO
SUL***

Tayrone Roger Antunes de Asevedo³
tayroneroger@hotmail.com

RESUMO:

Nas últimas décadas, presenciemos reestruturações no campo brasileiro. Nessa conjuntura, apresenta-se o Estado de Mato Grosso do Sul, onde se expande o agronegócio de eucalipto. Neste trabalho, o objetivo é analisar a territorialização do complexo celulose/papel por meio da geografia das relações de trabalho. Verificamos que há um intenso processo de precarização, cuja terceirização é prática recorrente das empresas. Além de pesquisa bibliográfica e documental, foram realizadas entrevistas com os trabalhadores, com destaque para os da construção civil, uma vez que foram protagonistas em diversas manifestações e greves. O trabalho precário se fez presente no processo de construção e montagem das plantas fabris, além de violências diversas acometidas contra os trabalhadores, como casos de agressão física, preconceito e discriminação racial, presentes no cotidiano desses migrantes.

PALAVRAS-CHAVE: Complexo celulose/papel; Trabalhadores; Greves; Mato Grosso do Sul.

RESUMEN:

En las últimas décadas, presenciemos reestructuraciones en el campo brasileño. En esta coyuntura, se presenta la provincia de Mato Grosso do Sul, donde se expande el agronegocio de eucalipto. En este trabajo, el objetivo es analizar la territorialización del complejo de celulosa/papel mediante la geografía de las relaciones de trabajo. Verificamos que hay un intenso proceso de precarización, cuya terceirización es práctica recurrente de

¹ Fazemos alusão à canção “Quanto vale a vida?”, da banda porto-alegrense Engenheiros do Hawaii, gravada no álbum “Filmes de guerra, canções de amor”, de 1993.

² Este texto é resultado de nossa dissertação de mestrado, orientada pela Prof. Dr. Rosemeire Aparecida de Almeida. Foi defendida em 2013, junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas.

³ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas.

las empresas. Además de la investigación bibliográfica y documental, se llevaron a cabo entrevistas con los trabajadores, especialmente a los trabajadores de construcción, ya que fueron protagonistas en varias manifestaciones y huelgas. El trabajo precario ha estado presente en la construcción y montaje de las plantas de fabricación, además de diversos tipos de violencia contra los trabajadores, como los casos de agresión física, prejuicios y discriminación racial, presentes en lo cotidiano de estos inmigrantes.

PALABRAS-CLAVE: Complejo celulosa/papel; Trabajadores; Huelgas; Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

O agronegócio presenciou mudanças expressivas nos últimos anos, principalmente no que diz respeito a sua estruturação geográfico-produtiva e econômico-organizacional. Neste contexto, surgem novos espaços de atuação dos capitais, resultantes das transformações do capitalismo contemporâneo, isto é, a reestruturação global das forças produtivas e das relações de produção nos ditames da acumulação flexível, que se mostram presentes em diferentes territórios⁴.

Neste contexto de mudanças, o Estado de Mato Grosso do Sul – particularmente sua porção Leste – emerge como um novo ator da produção de celulose e papel do país. Primeiramente, com a atuação da Votorantim Celulose e Papel. Todavia, no ano de 2009, houve a fusão de ativos dessa empresa com a Aracruz Celulose e Papel, nascendo assim, a empresa Fibria⁵. Há também a empresa Eldorado Brasil Celulose e Papel que, atualmente, é majoritariamente controlada pelo J&F Investimentos - *holding* que também rege o grupo JBS.

As empresas, nesta situação, agem de maneira reestruturada, pois intensificam os procedimentos que exteriorizam a gestão econômica do trabalho para outros atores (pessoas física e jurídica). Em linhas gerais, as empresas que se valem da terceirização buscam:

[...] externalizar custos e diversos riscos (dos adocimentos laborais ao próprio sucesso do negócio). Além disso, tentam transferir (afastar) a incidência da regulação exógena (Estado e sindicatos) do seu processo de acumulação, externalizando ao ente interposto o encargo de ser objeto de qualquer regulação limitadora. A adoção da terceirização pelas

⁴ Caso dos *territórios do agronegócio* no Brasil, principalmente com a ascensão do modelo neodesenvolvimentista adotado pelo *lulismo* (2002-2014).

⁵ Empresa que tem como um dos principais acionistas o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) via *holding* BNDESpar. Portanto, trata-se de um empreendimento ligado diretamente ao Estado brasileiro. Cf. o demonstrativo da estrutura acionária da empresa Fibria. Disponível em: <<http://fibria.infoinvest.com.br/static/ptb/estrutura-acionaria.asp?idioma=ptb>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

empresas potencializa a capacidade de exploração do trabalho e reduz a probabilidade de atuação dos agentes que poderiam impor limites a esse processo. (FILGUEIRAS, 2014, p. 1-2)

A terceirização é o modelo organizacional prioritário adotado pelo setor celulósico-papeleiro, estando presente na construção e montagem das plantas fabris, no plantio, manejo e colheita do eucalipto, no funcionamento das indústrias e do processamento do eucalipto, entre outros.

A terceirização emerge como traço marcante do capitalismo contemporâneo, principalmente a partir da crise estrutural da década de 1970, conjuntura de reorganização do capitalismo em escala global: do padrão fordista-taylorista passamos às formas flexíveis, financeirizadas e amplamente reestruturadas de reprodução e acumulação de capital sob o manto do toyotismo (ALVES, 2000; HARVEY, 1991). Abarca não somente as atividades industriais, mas o universo dos serviços, a estrutura de funcionamento do Estado capitalista e a vida sociopolítica das classes subalternas.

Na terceirização, a empresa-mãe foca sua atuação numa atividade específica, transferindo etapas do processo produtivo para outras empresas. Dessa forma, ela fragmenta e desorganiza politicamente as instituições, as estruturas políticas e os processos de luta (por direitos) dos trabalhadores, debilitando sindicatos, partidos políticos e movimentos que fazem frente aos processos de precarização que são inerentes à terceirização.

O capital reorganiza, de maneira meticulosa, a exploração da força de trabalho sob condições (i)materiais de dominação e controle ainda mais complexas e aviltantes. Dá-se fundamentalmente num contexto de globalização, sendo importantes as articulações espaciais em rede que as empresas realizam. Dessa forma, impetram (os capitalistas) a gestão exploradora e hegemônica dos territórios (ALVES, 2011). Ressaltamos, ainda, que o trabalho terceirizado potencializa o movimento de giro do capital por meio do controle territorial, surgindo assim “territórios terceirizados” (OLIVEIRA, 2014).

Pari passu à terceirização, apresentam-se variadas formas de precarização das relações de trabalho. São contratos por tempo determinado, atrasos de salário, não pagamento de horas-extra, entre outros. Há também outras formas de violência contra os trabalhadores: casos de agressão física, preconceito e discriminação racial presentes no cotidiano desses migrantes.

Surgem intensos conflitos entre as forças do capital e os trabalhadores, que consistem em greves e manifestações que colocam em xeque o discurso do *desenvolvimento* e de melhorias sociais promulgados por representantes políticos municipais, meios de

comunicação etc. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar a territorialização do complexo celulose/papel por meio da geografia das relações de trabalho. Pesquisamos a forma pela qual ocorre a territorialização desses grandes empreendimentos do agronegócio no cerne do processo, vislumbrando o global que se anuncia no lugar, em que as relações e contradições se efetivam. Dessa forma, entendemos que as relações de trabalho são fundamentais para compreender o processo territorial posto, principalmente ao relacionar e apreender a economia capitalista que se reestrutura com a terceirização ao cotidiano precário dos trabalhadores migrantes.

Amparamo-nos em procedimentos metodológicos variados, tais como: pesquisa, sistematização e análise bibliográfica e documental sobre as temáticas e processos envolvidos na formação e atuação das empresas de celulose e papel, como as relações de trabalho e o processo de terceirização; trabalhos de campo para coletar informações importantíssimas para o desenvolvimento da pesquisa, como as entrevistas com lideranças sindicais e trabalhadores da construção civil que participaram das greves e manifestações.

A seguir, notemos brevemente alguns elementos para compreender a escolha da região Leste de Mato Grosso do Sul como alvo da territorialização do agronegócio do eucalipto. Posteriormente, adentraremos no processo de reprodução do capital por meio da exploração e da precarização dos trabalhadores que urdiram esse grande empreendimento.

“NO OLHO DO FURACÃO”: GÊNESE E TRAMAS DA TERRITORIALIZAÇÃO DO COMPLEXO CELULOSE/PAPEL NO MATO GROSSO DO SUL

Para melhor compreender o processo de territorialização do complexo celulose/papel em Mato Grosso do Sul, é imprescindível pensar o contexto global do setor. Dessa forma, um ponto importante da reestruturação geográfica que ora abordamos é que os negócios tornaram-se mais rentáveis quando foram situados em países de capitalismo subalterno da América do Sul e da Ásia, principalmente se levarmos em consideração a desregulamentação do Estado, flexibilizando as leis ambientais e trabalhistas.

O cenário econômico-político é promissor, pois aponta para uma forte expansão dos monocultivos de árvores, conseqüentemente, da indústria de celulose e papel. Mesmo com a existência de outros cultivos que, em tese, poderiam disputar áreas, apoios do Estado capitalista e força de trabalho, como, por exemplo, cana-de-açúcar e soja no Brasil.

Os plantios homogêneos de eucalipto apresentam altas taxas de crescimento, comparados com os países na Europa e Norte da América, devido também a maior incidência de radiação solar e adequação/controle das condições ambientais porventura adversas. As normas e leis ambientais são pontos facilitadores, já que os aparatos legais apresentaram maior rigor nos países de origem desses negócios, e isso obrigou as empresas a desenvolver tecnologias de ponta para diminuir os impactos ecológicos do processo produtivo⁶. Todavia, esses investimentos rebatem incisivamente nas taxas de lucro.

Logo, em muitos países pobres, para onde se direcionam esses projetos, são brandas as normatizações e aparatos jurídicos, penais e regulatórios ou até mesmo inexistentes, como a fiscalização e as medidas concretas de avaliação e punição ante os impactos gerados, o que se torna um atrativo para os negócios. Vale destacar que além dos ‘impactos ambientais’, esses projetos apresentam grandes impactos socioculturais, como os desdobramentos nocivos sobre a pequena produção de alimentos e as relações de trabalho familiar no campo, não somente nos países pobres, mas também nos países de origem desses negócios.

Jussi Pakkasvirta (2010, p. 9) aponta duas frentes importantes para avaliarmos essa alteração geográfico-produtiva dos plantios de eucalipto e das fábricas de celulose: a própria conjuntura da economia globalizada e os apoios oferecidos pelos Estados e países agora abarcados.

El cierre de las fabricas puede estudiarse desde el marco de la política, economía y de otros muchos factores, por tanto los hechos son también diferentes. Lo que tienen en común los antecedentes del cierre de unas fábricas y la apertura de otras parece ser, en primer lugar, que el fenómeno refleja la economía global neoliberal, y en segundo lugar, que las fábricas ahora cerradas por las empresas han sido en su momento apoyadas por los Estados implicados⁷.

Mato Grosso do Sul adentra esse cenário global da produção celulósico-papeleira a partir da microrregião de Três Lagoas/MS⁸, que tem sua formação histórico-geográfica intimamente ligada à pecuária de corte e leite, cujo processo reiterou uma

⁶ Redução da biodiversidade por conta das extensas áreas plantadas com eucalipto; contaminação das águas superficiais e subterrâneas; impactos na fertilidade dos solos; redução dos agentes polinizadores – exemplo da abelha – devido ao uso de agrotóxicos; desarticulação do *habitat* natural de várias espécies de animais; entre outros.

⁷ “O fechamento das fábricas pode ser estudado desde o âmbito da política, economia e de muitos outros fatores, portanto, os fatos também são diferentes. O que eles têm em comum, no fundo, o fechamento de umas fábricas e a abertura de outras, parece ser, em primeiro lugar, que o fenômeno reflete a economia global neoliberal, e em segundo lugar, que as fábricas agora fechadas pelas empresas têm sido no momento apoiadas pelos Estados envolvidos.” (PAKKASVIRTA, 2010, tradução nossa).

⁸ Abrange os municípios de Água Clara, Brasilândia, Ribas do Rio Pardo, Santa Rita do Pardo e Três Lagoas.

estrutura de poder rigidamente estabelecida, calcada no monopólio das terras⁹. Todavia, notabiliza-se por sofrer notáveis transformações, principalmente a partir de meados da década de 2000, com o avanço do agronegócio do eucalipto. Trata-se de um complexo transescalar vultoso voltado à produção de celulose e papel que redimensionou as relações econômicas e políticas, com rebatimentos significativos em diferentes âmbitos socioespaciais.

As raízes da *silvicultura* na região remontam ao final da década de 1970, ou seja, ao Estado ditatorial empresarial-militar. Neste período, foram *criadas* em diversos estados do Brasil, *regiões produtoras*¹⁰ de eucalipto e *pinus*, principalmente para abastecer a crescente indústria siderúrgica nacional. No Mato Grosso do Sul, foram realizados investimentos em projetos de “florestamento-reflorestamento” na área compreendida entre Campo Grande e Três Lagoas por intermédio do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados – POLOCENTRO, vigente de 1975-1981 (ABREU, 2001, p.170 e 268). Já em 1988, a empresa Chamflora Três Lagoas Agroflorestal, subsidiária da *International Paper* no Brasil, perpetrou o plantio de eucalipto visando à produção de celulose e papel. Nesse ínterim, o estabelecimento de uma planta fabril agroprocessadora era praticamente certo (KUDLAVICZ, 2011).

Apesar de ações e investimentos, o projeto que ensaiava desde a década de 1970 entrou em cena efetivamente quase dois decênios depois com a parceria entre Votorantim Celulose e Papel e *International Paper* (VCP/IP), por intermédio de um contrato de permuta, em 2007, para a construção da maior fábrica de celulose e papel em linha contínua do mundo, em Três Lagoas/MS: a VCP entregou sua fábrica de Luiz Antônio/SP à *International Paper*, com o intuito de fortalecer a construção de uma nova fábrica em Mato Grosso do Sul. Essa associação reestruturou o setor em âmbito nacional e, diríamos, até internacional.

As empresas se veem ajuramentadas a estabelecer relações mútuas de troca de bens e ativos, interessantíssimo para os negócios no Brasil e, de certa maneira, a união de forças entre elas proporcionou maior poder de atuação frente ao mercado mundial do setor.

Dieterich (2007, p. 39) mencionara que:

Com essa troca de ativos a VCP perderá receita nos anos de 2007 e 2008 em função da entrega da planta de Luiz Antônio, mas em contrapartida terá um acréscimo substancial no seu faturamento com o início das operações de Três

⁹ Subjugando historicamente os trabalhadores e a natureza.

¹⁰ Norte de Minas Gerais, Extremo Sul da Bahia, Sudeste do Pará, Oeste do Maranhão, entre outras.

Lagoas em 2009. Além disso, essa troca demonstra o novo foco de longo prazo da VCP, que se voltará muito mais para a produção de celulose de mercado em detrimento ao papel.

Essa trama promulgou um rearranjo territorial expressivo, com indicativos variados, destaque para a supervalorização das terras (rurais e urbanas), advento de diversas empresas (indústrias, serviços e comércio), ascensão de redes de articulação-circulação, redimensionamento da relação cidade-campo, migrações intensas, reestruturação das relações de trabalho e intensificação das ações do Estado no atendimento ao capital (PERPETUA, 2012; SILVA, 2013).

Em 2009, mais transformações ocorreram nos municípios no entorno de Três Lagoas, pois novas perspectivas foram lançadas com a fusão Aracruz Celulose/Votorantim Celulose e Papel e criação da FIBRIA.

O processo de territorialização dos empreendimentos (Fibria e Eldorado Brasil) tem tido a participação do Estado enquanto regulador-apoiador das relações (proporcionando empréstimos) e agente-empendedor direto do processo (compondo a estrutura acionária), por intermédio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) (ASEVEDO, 2013; MAGNABOSCO, 2009).

A figura 01 apresenta o complexo Fibria. Primeiramente, demonstrando a planta fabril da referida empresa; depois, temos os vagões que transportam a celulose produzida, assim como a entrada da empresa *International Paper*, que compõe esse complexo. Por último, a celulose pronta para ser exportada.

Figura 01 – Município de Três Lagoas/MS - imagens do complexo Fibria – 2010.



Fonte: Tayrone Roger Antunes de Asevedo (2010).

As expectativas a partir dessa união remetem a negócios extremamente lucrativos e reformularam as estratégias do capital, uma vez que a região tornou-se uma importante área da produção de celulose e papel do mundo nos anos seguintes. Avançando nessa direção, ocorreu o anúncio da Unidade Três Lagoas II da FIBRIA, um projeto que previu em curto prazo, acréscimo na base florestal em torno de 150 mil hectares¹¹.

Outra questão foi a ratificação da Eldorado Celulose e Papel. Ressaltamos que seu surgimento já se fez permeado de contradições, já que o sócio fundador do grupo Eldorado, Mário Celso Lopes, possui processo judicial em trâmite por trabalho escravo. Em 2009, a fazenda Santa Isabel, de sua propriedade, no município de Pontal do

Araguaia/MT, foi flagrada em tal delito pelo Grupo Especial de Fiscalização Móvel do Ministério do Trabalho. Na ocasião, 23 seringueiros foram libertos pelos agentes (PYL, 2009).

Nesse sentido, haveria a possibilidade de tal empresário entrar na lista suja de trabalho escravo no Brasil, o que obstaría empréstimos públicos, conforme a legislação, fato que certamente impediria o sucesso dos negócios, pois o grupo pleiteara R\$ 3 bilhões junto ao BNDES¹². Todavia, houve um “afastamento” desse empresário, na medida em que ele não buscava todas as atenções, descentralizando suas ações em nível formal, mas tendo uma atuação marcante nos “bastidores” do processo.

Em meados de 2012, esse empresário anunciou a venda de sua participação na empresa Eldorado Brasil para a J&F Investimentos (FRIAS, 2012), uma estratégia dos agentes conformadores que visa a abrir o capital da empresa no mercado financeiro. Isso também denota a postura do referido empresário junto a esses acontecimentos, ou seja: entendemos que se trata de ganhos obtidos com especulação, atraindo investidores, comprando e vendendo participações e ativos e, avaliando seu histórico, destacamos os negócios realizados na compra e venda de terras. Um universo multifacetado que procuramos entender, haja vista que as envolturas existentes entre os capitais industrial, rentista e financeiro – com hegemonia estrutural do último –, são arranjos territoriais em que a posse e uso da terra desempenha papel importantíssimo.

A estrutura societária da Eldorado Brasil Celulose e Papel é dominada pelo J&F Investimentos, uma vez que possui 80,90% de participação acionária (direta e indireta). Completando a composição, temos: o Fundo de Investimentos e Participações (FIP Florestal) com 17,6%, em que atuam dois dos principais fundos de pensão do país¹³; o Fundo Olímpia¹⁴ (1,96%); além de ‘Outros’ (0,08%)¹⁵.

A figura 02 apresenta o empresário Mario Celso Lopes durante o evento “Três Lagoas Florestal”; a indústria da Eldorado Brasil sendo construída, no município de Três Lagoas/MS; além do horto florestal 01, na Fazenda Serrinha, onde a empresa Florestal Brasil, que compõe o complexo Eldorado, realiza seus negócios.

¹¹ Cf. Fibria investe na formação de base florestal de Três Lagoas para antecipar segunda unidade industrial. Disponível em: <http://www.fibria.com.br/web/pt/midia/noticias/noticia_2010ago16.htm>. Acesso em: 23 ago. 2010.

¹² Sobre as informações aqui externadas temos por referência Almeida (2010).

¹³ O Fundo de Pensão dos Funcionários da Petrobrás (PETROS) e o Fundo de Pensão dos Funcionários da Caixa Econômica Federal (FUNCEF/CEF), ambos com 8,53% de participação acionária.

¹⁴ Fundo de Investimentos com cotas detidas pela Companhia.

¹⁵ Dados disponíveis na página da empresa na internet. Disponível em: <<http://www.eldoradobrasil.com.br/paginainterna.aspx?idPage=62>>. Acesso em 14 ago. 2014.

Figura 02 – Município de Três Lagoas/MS – imagens do complexo Eldorado Brasil – 2012.



Fonte: Tayne Roger Antunes de Azevedo/Rosemeire Ap. de Almeida (2012).

A empresa Eldorado Brasil iniciou a construção de sua planta fabril no município de Três Lagoas, no primeiro semestre de 2011. Naquele momento, a inauguração estava prevista para novembro de 2012. As expectativas eram de uma produção de 1,5 milhão toneladas/ano de celulose e 220 MW de energia/hora e os investimentos foram orçados em aproximadamente R\$ 2,9 bilhões, destacando-se a isenção de 90% de ICMS pelo Estado à indústria (SICHITO, 2010; WAGNER, 2010).

Todos esses acontecimentos movimentaram os municípios circunvizinhos no ensejo à participação. Conseqüentemente, nesses lugares iniciou-se e elevou-se o plantio de eucalipto. Surgiram palestras, seminários e *workshops*; “capacitação” de trabalhadores, tanto

pelas prefeituras como por instituições e cursos de educação técnica recorrendo a parcerias público-privadas; especulação fundiária, entre outras atividades.

No processo de territorialização desses empreendimentos capitalistas, a posse e uso da terra é primordial, uma vez que é também por meio da apropriação de sua renda que o capital se (re) produz. Nesse sentido, há uma tendência à concentração da terra com elevação significativa dos preços de arrendamento e de venda.

Adentraremos, a seguir, no cerne da territorialização do complexo celulose/papel, isto é, as relações de trabalho. Abordaremos o cotidiano precário, as manifestações e greves dos trabalhadores, pois têm sido acontecimentos fundamentais para compreender as dinâmicas do capital. Essa conjuntura desnudou as contradições, conflitos e confrontos, rompendo a estrutura ideológica, midiática, política etc., armada. Vejamos em pormenores esse contexto.

PARA ALÉM DA “ILHA DA FANTASIA”: PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E RESISTÊNCIA DOS TRABALHADORES EM MATO GROSSO DO SUL

Na região Leste de Mato Grosso do Sul, são muitos trabalhadores que migraram principalmente de Estados do Norte e Nordeste do país – a grande maioria é procedente dos Estados do Maranhão, Bahia e Piauí –, para labutar na construção e na montagem das plantas fabris do complexo celulose/papel. Além desses trabalhadores, há os trabalhadores da indústria, os trabalhadores do plantio e manejo do eucalipto, entre outros. O trabalho caracteriza-se por ser essencialmente temporário, com um contingente massivo que é deslocado, como aconteceu na construção e na montagem da Fibria (2007/2008) e, posteriormente, na Eldorado Brasil (2010/2011/2012).

Características dos movimentos migratórios podem ser vislumbradas nas falas dos trabalhadores: possuem culturas específicas, sotaques peculiares, e isso vem trazendo novos contornos sociais e culturais para a região de Três Lagoas.

Muitos dizem que migram para o trabalho há anos, partindo e retornando, porém com um sentimento de desencontro. As relações interpessoais são travadas com os companheiros de trabalho que estão na mesma jornada, sempre trocando ideais, experiências de luta adquiridas, etc.

[...] Todos são de fora. Baiano, pernambucano, piauiense, maranhense, sergipano... de várias regiões, de várias etnias né. (Perguntamos se vieram mais trabalhadores do Estado do Piauí, de onde o entrevistado é procedente) Veio, veio sim. Veio uns dois ônibus lá do Estado pra estar trabalhando aí, tentando

fazer a obra e tentar fazer com que ela seja executada no prazo determinado pela empresa, que é o grupo Eldorado né. Tamo aí pra fazer a obra. Tem muitos, tem baiano aqui, tem muito baiano, tem muito sergipano. É porque a mão-de-obra aqui... Três Lagoas não tem a mão-de-obra necessária pra suprir a necessidade da obra, então a mão-de-obra é mais de fora mesmo. [...] todos são funcionários de longo prazo, alguns mais novos, mas todo mundo dentro da sua função sabe o que está fazendo e nós vamos tentar entregar a obra. [...] Eu, tem 15 anos que eu ando “no trecho”, 15 anos na construção civil. [...] Já “rodei” uns 20 Estados, uns 18 a 20 Estados, se for contar mesmo certinho né (Informação verbal)¹⁶.

Essa migração deriva da própria característica do capital no ramo da construção civil, ou seja, os negócios operam de maneira transitória e periódica, articulando diferentes espaços e territórios numa relação dialética. Assim, concluímos que o capital se reproduz geograficamente de maneira desigual, porém combinada.

Os contratos são relativamente curtos e as empresas que encabeçam esses processos terceirizam constantemente toda a elaboração dessas plantas fabris. Algumas terceirizadas figuram como sendo as mais importantes, como é o caso das empresas PARANASA, que atua na área de engenharia e de construção e montagem industrial; MONTCALM, empresa especializada em engenharia, construção e montagem de indústrias; e ANDRITZ, empresa que atua na elaboração de plantas fabris, equipamentos e serviços para a indústria.

Na figura 03 apresentamos diferentes imagens da planta fabril da empresa Eldorado em construção e montagem. Nesse trabalho de campo, podemos verificar tanto a organização do processo produtivo, assim como a dimensão do empreendimento.

¹⁶ Entrevista com trabalhador no Alojamento “Bombeiros”, sob responsabilidade da empresa Paranas. Realizada em 14 de dezembro de 2011.

Figura 03 – Município de Três Lagoas/MS - imagens da construção/montagem da fábrica da Eldorado Brasil – 2012.



Fonte: Tayrone Roger Antunes de Asevedo (2012).

Ao estabelecer essa forma de gerência do processo de elaboração de suas fábricas, as empresas Fibria e Eldorado mantêm sua postura de controle, todavia de maneira diferenciada, uma vez que o (in)tenso conflito entre a força humana de trabalho e as forças sociais do capital é obscurecido pois, em tese, não está sob seu domínio, mas, sim, das empresas terceirizadas – ajuramentadas a cumprir contratos estabelecidos para esse feito. Ressaltamos que o processo ocorre na fase de funcionamento, tanto no ‘chão’ da fábrica como na área agrícola (plantio, manejo e colheita das monoculturas de eucalipto),

porém em menor grau, isto é, a maioria dos trabalhadores desse setor (o processo industrial de produção da celulose) ainda é diretamente vinculada a essas empresas.

Sobre a terceirização na construção e montagem da planta fabril da Eldorado Brasil¹⁷, é interessante ressaltar a fala de um trabalhador, em que menciona diversas empresas envolvidas na edificação da fábrica da Eldorado Brasil, além de certas peculiaridades das relações de trabalho nessa fase de ascensão das fábricas de celulose, isto é, as frequentes mudanças de empresa.

Eu já trabalhei na Contern, mas hoje trabalho na Constroluz Mix, que presta serviço pra Azevedo & Travassos, que é outra empresa que presta serviço no ramo de construção civil lá dentro [da planta industrial da Eldorado, em construção]. A Contern é terraplanagem, ela fez a terraplanagem da obra inteirinha, e essa daí [Constroluz Mix] já atua na parte da construção civil. Tanto que está até fazendo o [sic] e a chaminé da obra lá, que é cento e quarenta e cinco metros de altura. O negócio é meio problemático. Foi quando começou a terraplanagem eu entrei lá na Contern, aí ficamos um ano trabalhando lá. Depois acabou o serviço e fomos embora. Acabou a parte dela, que era terraplanagem e pavimentação, aí acabou, ela catou o pessoal e fomos embora. [...] eu saí em agosto (2011) – no começo de agosto – e no final de agosto eu já fiquei nessa outra aí. Essa Azevedo & Travassos, a gente é subcontratado delas, *o terceiro do terceiro*, porque a Eldorado é a “empresa-mãe” – que é a dona da obra, aí ela contratou a Azevedo & Travassos; aí a Azevedo & Travassos precisa de outra empresa pra fornecer concreto, aí ela contratou nós; aí precisou de uma empresa pra poder fazer a estrutura e levantar a chaminé, vai contratar outra empresa, que é a tal de Cunha Braga, e vai assim, um vai levando o outro. [...] têm muita gente viu. Agora tá um pouco menor, porque é final de ano, mandou um pouco embora, mas teve época lá que só a Contern estava com mil e duzentos homens. Tem gente “com força” (Informação verbal)¹⁸.

Notam-se alterações significativas nas formas de organização desses capitais, que são próprias da reestruturação produtiva do capitalismo que articula os diferentes ‘setores’ da economia como a agricultura, a indústria e o setor de comércio e serviços. As empresas terceirizadas intensificam ainda mais o processo de flexibilização e precarização das relações de trabalho. Ricardo Antunes (2012) corrobora esse caminho interpretativo, além de demonstrar que essa contextura não é particularidade do universo ora apresentado; faz-se presente nos mais variados ‘setores’ da economia capitalista contemporânea.

O principal desafio se coloca na medida em que a terceirização, hoje, é a porta de entrada para a precarização. As empresas se desobrigam de cumprir relações contratuais com seus trabalhadores ao terceirizar, ou seja, contratam junto a outras empresas, que passam a ser responsáveis pelo fornecimento da força de trabalho. Neste processo, temos empresas que cumprem, de algum modo, a legislação trabalhista, e temos as que acabam não cumprindo. Isso cria um conjunto muito amplo de trabalhadores e trabalhadoras que se tornam suscetíveis no mercado de trabalho à ausência de legislação, a uma intensificação da jornada de trabalho, a um trabalho extenuante e violento. É por isso que o

¹⁷ Foram mais de duzentos CNPJs dentro do empreendimento (SEVERO, 2012).

¹⁸ Entrevista realizada em 14 de dezembro de 2011.

capital hoje, no Brasil e em escala global, quer a terceirização não só nas atividades meio, mas também nas atividades fins. O argumento que usam é o de que a terceirização gera maior qualidade. É evidente que esse argumento é pura ideologia, é falacioso. Terceiriza-se para reduzir custos e para aumentar a divisão e, com isso, dificultar a organização sindical e a resistência da classe trabalhadora. A terceirização é, em si e por si, nefasta e tem que ser combatida. Não é verdade que ela seja inevitável. A terceirização é – repito – a porta de entrada para a precarização estrutural do trabalho em escala global¹⁹.

As péssimas condições de trabalho geraram muitos descontentamentos por parte dos trabalhadores que frequentemente se organizaram em manifestações e greves. Nesse contexto, foram dois os sindicatos mais atuantes, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Pesada (SINTIESPAV) e o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (SINTRICOM).

Como visto, a maioria dos trabalhadores é migrante, ou seja, já possuíam experiências de trabalho na construção civil. Muitos vivenciaram contextos tão degradantes quanto o da região de Três Lagoas/MS. Sabiam de diversas características tanto dos negócios que vêm sendo implantados, bem como o que eles representam no processo. São críticos com as relações postas, como as formas de atuação de alguns sindicatos envolvidos. Isso pode ser vislumbrado em conversas com esses trabalhadores:

O sindicato não adianta nada. Todo sindicato é comprado pela empresa. Em Porto Velho (RO), aconteceu lá o seguinte, a gente tava [sic] questão de salário lá, aí a gente pediu quinze (por cento)... [...] Eu tava na usina de Santo Antônio. Eu trabalhei nas duas: Santo Antônio e Jirau. Ai na de Santo Antônio lá, nós fizemos [a greve] lá, aí quando foi uns dias atrás, porque, sempre tem a assembleia do sindicato pra ver lá, e vai a comissão de frente, que são os trabalhadores. Teve a reunião fechada, não deixaram os trabalhadores participar, só a diretoria e o sindicato. E aí? O sindicato foi comprado. Deram sabe quanto? Sete por cento! (Perguntamos se estão pagando a contribuição do sindicato) Não, aqui eles estão cobrando mensal, R\$ 11,00, e tá errado. Deveria ser anual. Lá em Jirau eles cobravam R\$ 38,90. E aí, quantos “peão” têm? Quantos que eles não vão ganhar todo mês? Não pode! (Informação verbal)²⁰

A respeito da atuação dos sindicatos do setor em Três Lagoas, os trabalhadores demonstraram-se insatisfeitos com as ações, desconfiando tanto do funcionamento, assim como das lideranças. Em entrevistas, frequentemente esses assuntos vinham à tona, como no caso de um trabalhador da empresa Contern, terceirizada do setor de construção civil, em que diz não ser filiado ao sindicato e faz alusão aos motivos:

O sindicato serve só pra roubar os outros só. A pior coisa que tem é esse tal do sindicato. Quando o cara precisa, a empresa vai lá e compra o cara

¹⁹ Cf. Terceirização: porta de entrada para a precarização. Entrevista especial com Ricardo Antunes. 21 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/509660-terceirizacao-porta-de-entrada-para-a-precarizacao>>. Acesso em: 22 out. 2013.

²⁰ Entrevista realizada em 14 de dezembro de 2011.

[do sindicato]. Não é que nunca precisa, mas de imundice eu tô sossegado. [...] O sindicato é mal visto viu, é bem mal visto. Não ajuda... Bom, eu estou lá vai fazer dois anos e eu vi o sindicato uma vez só... [...] todo mês eles descontam, de pouquinho em pouquinho vai tirando do cara, aí um dia descontou, acho que era setenta e poucos reais de cada um, aí teve uns lá que ficou doido, lá da Contern, aí os cara catou, fizeram um abaixo-assinado pra poder tirar o sindicato da obra - da parte da Contern -, mas aí na hora que eles ficou sabendo lá, que chegou aquela lista com um monte de gente lá, aí na hora eles “baixaram” lá na porta, entregando panfleto e não sei o que, maior “converseiro”... Mas na hora que o cara precisa eles saem fora. Se o cara for precisar do sindicato ele tá f..., é melhor ele resolver lá dentro da obra mesmo, na Eldorado, com os donos da obra, o pessoal [sic]. Vai direto nos “dono do porco”. (Informação verbal)²¹

Durante a edificação da planta fabril da Fibria, houve vários descontentamentos dos trabalhadores não só por causa dos salários irrisórios, mas também com as péssimas condições de trabalho e de vida na cidade de Três Lagoas/MS. Essa empresa pagava salários baixos aos trabalhadores, reduzindo custos, ávida por erigir sua indústria de forma lucrativa, adentrando, assim, definitivamente no mercado global celulósico-papeleiro. Irromperam diversas greves e manifestações dos trabalhadores. As ações tomaram os noticiários, sendo necessário que representantes de diferentes órgãos de fiscalização das relações de trabalho autuassem as empresas terceirizadas envolvidas.

A situação em que viviam os trabalhadores era extremamente precária, amontoavam-se em dezenas nas ‘repúblicas’ e hotéis da cidade, em condições de higiene impróprias. A Comissão Pastoral da Terra (CPT/MS) denunciou essas condições precárias a que foram acometidos os trabalhadores pelas empresas ao Ministério Público do Trabalho (MPT). Este criou uma força-tarefa conjuntamente com a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) e a Comissão Permanente de Investigação das Condições de Trabalho. Mieceslau Kudlavicz (2011, p. 157) visitou esses alojamentos e relata algumas condições em que viviam os trabalhadores das terceirizadas da VCP (atualmente Fibria):

Constatamos que estavam alojados mais de 400 trabalhadores em quartos com 10 (dez) beliches, sem guarda roupa, sem ventiladores e com ar condicionado quebrado. No local existia uma fossa a céu aberto exalando mau cheiro próximo a cozinha e ao refeitório. Esses também não ofereciam condições adequadas para atender todos os trabalhadores no momento das refeições obrigando-os a tomarem as refeições nos quartos. Segundo depoimento dos trabalhadores, a situação “já esteve pior” porque houve dias em que jantaram a meia noite. Nesse hotel estavam principalmente trabalhadores que vieram do Estado do Piauí e trabalhavam para as empreiteiras da empresa Camargo Correa. Houve denúncia de tratamento inadequado por parte dos fiscais da obra, do não pagamento das horas extras, das filas imensas para distribuição da refeição que atrasavam entre meia hora a quarenta minutos o almoço, não sobrando tempo para o descanso.

²¹ Entrevista realizada em 15 de dezembro de 2011.

Nesse período, houve elevação descomunal dos valores de aluguéis²², em muitos casos, acima do Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), contrariando a Lei do Inquilinato. Para os trabalhadores²³, essa situação tornou-se problemática, uma vez que os salários continuavam baixos. O custo de vida na cidade de Três Lagoas tornou-se elevadíssimo.

Nesse ínterim, agindo para atenuar as contradições referentes às greves e manifestações, a FIBRIA e empresas terceirizadas fizeram acordos com lideranças sindicais, em que os trabalhadores, em muitos casos, não foram ouvidos, e suas demandas, por vezes, não foram atendidas e respeitadas por esses sindicatos.

Nas greves, aproximadamente dez mil trabalhadores reivindicavam melhores condições de alojamento, reajustes, pagamentos de salários atrasados etc. Isso movimentou a cidade, pois muitos moradores antigos não entendiam o que estava se passando, e a imprensa, aliada aos ditames das empresas, auxiliou na formulação de uma imagem depreciativa dos trabalhadores, pois estes estariam causando “desordem” no município.

Na construção e montagem da fábrica da Eldorado Brasil, a conjuntura foi similar, principalmente no que tange às condições de trabalho, o que ocasionou manifestações e greves frequentes que mobilizaram milhares de trabalhadores.

Do início de 2011 até o final de 2012, quando foi finalizada a fabricação dessa empresa, foram seis greves (PERPETUA, 2012, p. 219-220). Essas manifestações coletivas organizadas pela classe trabalhadora iniciaram-se em janeiro de 2011, quando, por causa de salários atrasados, os operários cessaram as atividades. Posteriormente, o conflito se acirrou, pois os trabalhadores não estavam obtendo êxito em suas lutas. Eis que iniciaram uma nova greve poucos meses após a primeira. A ação foi vista com mais preocupação pelas empresas, representantes públicos etc., uma vez que bloquearam uma importante rodovia que liga o município de Três Lagoas ao município de Selvíria/MS, a BR-158. Essa porção espacial é repleta de eucaliptais; às margens dessa rodovia, cerca de 30 quilômetros, localiza-se a planta fabril da empresa Eldorado.

Os trabalhadores, mediante a ação dos sindicatos envolvidos, entraram em negociação com as empresas, cuja maioria retornou ao trabalho com um aumento de 18%

²² Valores que não decresceram nos anos seguintes. Cf. Aluguel de imóvel com dois quartos chega a R\$ 1 mil em Três Lagoas. TV Morena Disponível em: <<http://minutoms.com.br/noticias/default.aspx?id=2090&tipo=s>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

²³ Nos incluímos entre eles, pois vivíamos enquanto estudantes na cidade, tendo que arcar com os altos aluguéis, o que nos obrigava a realizar trabalhos temporários.

no salário²⁴. No entanto, os condicionantes das greves anteriores não foram solucionados, além do surgimento de novos problemas, o que ocasionou novos enfrentamentos.

Em agosto de 2011, eclodiu novamente uma greve – os trabalhadores eram contratados de terceirizadas da empresa ANDRITZ, que por sua vez é terceirizada da Eldorado Brasil – “o terceiro do terceiro”, como nos relatou um trabalhador. Dessa vez, a adesão de trabalhadores foi massiva, de tal modo que ultrapassou a cifra de três mil pessoas em paralisação, motivados por: não pagamento de salários, não pagamento de passagens referentes ao deslocamento dos trabalhadores migrantes das localidades de origem até Três Lagoas, não fornecimento de holerites, descontos indevidos e rendimentos aquém do esperado e salários abaixo do combinado (OJEDA, 2011). Em seguida, já no início do ano de 2012, houve a maior greve registrada no período de edificação da fábrica da Eldorado, com aproximadamente oito mil trabalhadores envolvidos (ELOY, 2013).

As insatisfações eram muitas, como: salários baixos; má qualidade dos alojamentos (superlotação, problemas com excesso de lixo nas dependências e o mais grave: denúncias de que a água utilizada em determinados alojamentos estaria contaminada, pois além de ser retirada de uma lagoa sem tratamento adequado, foi transportada em caminhões que carregam esgoto²⁵); péssimos ônibus que os transportavam para o canteiro de obras e casos de ausência de transporte entre as frentes de trabalho e os refeitórios, obrigando-os a caminhar por aproximadamente 30 min., reduzindo assim o período de almoço/descanso; agenciamento irregular e não pagamento de dividendos referentes às viagens de ida/vinda das cidades de origem dos trabalhadores; valor do vale-alimentação baixo; demissões em massa em período de experiência; não entrega do espelho de pontos e holerite para os trabalhadores, além de indisponibilidade de marcação de pontos aos sábados e domingos; não pagamento de horas *in itinere*²⁶; arbitrariedades/ilegalidades contra Cipeiros²⁷, como perseguição, ameaças e demissão sumária²⁸, entre outros (PERPETUA, 2012, p. 204-205).

Neste contexto, a atuação da polícia militar se fez presente através de vigilância e perseguição, prisões e ameaças de morte a lideranças sindicais. Durante as manifestações

²⁴ Cf. Funcionários da Eldorado aceitam acordo e voltam ao trabalho. Perfil News. 03 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.perfilnews.com.br/tres-lagoas/funcionarios-da-eldorado-aceitam-acordo-e-encerram-greve>>. Acesso em 28 jun. 2011.

²⁵ Cf. SEVERO, Leonardo. Crime sem castigo da empresa Eldorado, em Três Lagoas. Brasil de Fato, 10 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/content/crime-sem-castigo-da-empresa-eldorado-em-tr%C3%AAs-lagoas>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

²⁶ São horas-extras realizadas fora do ambiente de trabalho, obtidas no deslocamento entre o local de trabalho e a residência do trabalhador.

²⁷ Trabalhadores da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA).

de trabalhadores, houve repressão violenta com agressão física e ameaças (SEVERO, 2012). A empresa Eldorado Brasil foi notificada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Alguns objetivos foram alcançados com as paralisações anteriores, como aumento de salários, adequado pagamento de hora-extra, aumento de vale-alimentação, melhorias nos alojamentos etc., porém as situações que geravam descontentamentos sempre foram parcialmente resolvidas, tanto que, em junho de 2012²⁹, ocorreu outra greve, mas com contingente menor de trabalhadores, sendo estes pertencentes a empresas terceirizadas. Eles paralisaram os trabalhos na manutenção da indústria da empresa, reivindicando vale-alimentação e reajuste salarial.

As manifestações de insatisfação foram muitas e frequentemente estavam ligadas às precárias condições dos alojamentos. Como ocorreu no final de 2011, quando funcionários da Montcalm manifestaram-se contra essa empresa, assim como fizeram críticas à administradora do alojamento onde viviam, a empresa META. As reclamações e exigências foram relatadas em uma ata, lavrada em novembro de 2011 pelo Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Montagem Industrial de Três Lagoas:

01 - Água para beber e potável não tratada devidamente; 02 - Asseio dos banheiros; 03 - Inundação das dependências do alojamento; 04- Incidência de insetos inclusive escorpião e ratos; 05 - Falta de telefone público; 06 - Ambulatório sem medicamentos; 07 - Falta de atendimento odontológico; 08 - Constrangimentos e maus tratos por parte dos funcionários da META e seguranças; 09 - Pagamento ilegal por consultas, sem aprovação de assembleia dos trabalhadores; 10 - Transporte inadequado dos alimentos; 11 - Falta de manutenção nos alojamentos; 12- Ônibus para transporte do alojamento/cidade; 13- Respeito a programação da folga de campo e recesso; 14 - Aumento dos salários; 15- Pagamento da hora itinerário (*in itinere*); 16 - Fim da cobrança de taxa de alimentação; 17 - Fim da cobrança de taxa mensal sindical; 18 - Plano de saúde; 19 - Higienização dos uniformes; 20 - Aumento da ajuda de custo atualmente de R\$ 70,00 (para R\$ 250,00); 21 - Folga no Natal e Ano Novo³⁰.

Um caso emblemático, e que tomou dimensão nacional, ocorreu em dezembro de 2011. Na ocasião, os trabalhadores da construção e montagem da planta fabril da Eldorado Brasil, em sua maioria terceirizados da empresa Montcalm, atearam fogo nas dependências do alojamento (Figura 04) localizado na BR-158, denominado Fazendinha I

²⁸ Cf. Severo, 2012.

²⁹ Período em que a fábrica se preparava para entrar em funcionamento, isto é, sua inauguração estava prevista para dezembro de 2012, o que provocou uma mobilização da Eldorado no sentido de pressionar as empresas terceirizadas a tomar decisões para que as greves fossem encerradas. Dessa forma, a empresa garantiu o cumprimento de sua agenda. Como relatou uma liderança sindical de Três Lagoas durante o “I Encontro Terra, Trabalho e Saúde: em busca da sustentabilidade” em Três Lagoas/MS.

em Três Lagoas, pertencente à empresa Eldorado, no entanto, administrado pela empresa META.

Esse alojamento fica afastado de áreas comerciais e residenciais da cidade de Três Lagoas, não possui infraestrutura condizente com os padrões estabelecidos, principalmente relativos à higiene das dependências, climatização, água adequada para consumo, entre outros (OJEDA, 2011). A manifestação foi motivada pela ausência de água durante dois dias³¹, além de descontentamentos com as empreiteiras, situações variadas como atraso de salários, sonegação de horas-extras, péssimas condições de moradia na maioria dos alojamentos, além de refeições inadequadas.

Figura 04 – Cidade de Três Lagoas/MS - alojamento “Fazendinha I” incendiado – 2011.



Fonte: Benê Soares/Rádio Caçula (2011).

³¹ Cf. SEM água, funcionários colocam fogo em alojamento, diz polícia em MS. 10 dez. 2011. <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/12/sem-agua-funcionarios-colocam-fogo-em-alojamento-diz-policia-em-ms.html>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

Ao entrevistar um trabalhador de uma empresa terceirizada da empresa Eldorado Brasil, foram mencionadas as situações que enfrentavam no alojamento “Fazendinha”.

[...] essa semana mesmo na Fazendinha, [essa semana] que passou tocaram fogo em tudo lá porque ficaram dois dias sem água, e eu não sei como não apanharam... [...] Já pensou, o cara trabalha 8 horas por dia de serviço, você chega no alojamento pra tomar um banho, você vai tomar banho: “cadê a água?” Ai: “pô, que vacilo do cara, o cara tá catinguento, não tomou banho”, ai no outro dia quando vai trabalhar: “pô”, com a farda [uniforme], volta, não tem água, ai você vai fazer o que? Vai reivindicar, porque todo mundo [sic], nós somos seres humanos cara. [...] Eu sou assim: dê o que dê, eu sou pelos “peão”. [...] E se a gente não para, não resolve nada (Informação verbal)³².

Os diferentes agentes desse processo capitalista organizam-se de modo reestruturado para perpetuar as relações de dominação e controle do trabalho, no fito de extrair incessantemente *mais-valia* – nas suas variadas formas, reproduzindo de maneira ampliada o lucro. Todavia, as condições precárias a que são submetidos tantos trabalhadores demonstram que a territorialização desse complexo celulose/papel não atende as demandas sociais, distribuindo a riqueza, como promulga a ideologia do desenvolvimento dos agentes que dominam o processo; muito pelo contrário, se intensificam as contradições socioespaciais por meio da exploração acentuada dos trabalhadores, direta ou indiretamente envolvidos.

Notamos essas questões nos relatos dos trabalhadores, que tornam evidentes as más condições de trabalho, assim como irregularidades nos acertos e pagamentos de salários. Entrevistamos um trabalhador da Parana, no momento em que se desligava da empresa, e ele nos contou detalhes sobre indícios de irregularidades nos acertos trabalhistas:

É, pagaram minhas contas aí, mas pelo que eu contei acho que tem coisa errada. Porque, eu cumpri o aviso, meu amigo, e só o aviso é R\$ 1080,00 – que é o meu salário, porque eu sou armador. Tem cara aí que vai tirar mais do que eu, e o cara é ajudante e nem foi na obra pô! Tem cara que tira R\$ 1900,00 e eu que trabalhei dois meses e vinte dias vou tirar R\$ 1700,00? Isso não existe... Eu não posso fazer nada né, vou fazer o que? Eles aí é quem sabe quanto é que dá minhas contas... [...] Agora eu vou ficar em casa. Depois de janeiro tem a transposição do rio [São Francisco] lá, pra Paraíba lá. Eu conheço cara lá que tá ganhando R\$ 2000,00, R\$ 3000,00. Aqui o custo de vida é muito caro, muito caro, e ainda o cara tem que manda pra casa (Informação verbal)³³.

³² Entrevista realizada em 14 de dezembro de 2011.

³³ Idem.

Também foram evidenciadas irregularidades no pagamento de hora-extra *in itinere* – que tem se tornado prática frequente das empresas terceirizadas da Eldorado Brasil, além das horas-extras normais. A respeito dessas questões, entrevistamos um trabalhador da empresa Paranasa, que se encontrava em um pequeno alojamento na cidade de Três Lagoas, e ele nos descreveu as minúcias dessas práticas.

Falta alguma parte aí né, que nem no caso: a *hora itinere* a Paranasa não paga, nesses termos assim têm uns detalhezinhas que ela deixa a desejar. Só isso mesmo. [...] Hora-extra some muito do cartão, eles pagam só cinquenta e duas [horas], eu não sei pra onde vão essas horas. Tu tem uma carga-horária do mesmo parceiro teu, do mesmo encarregado, a mesma carga-horária aí vem pagamentos diferentes e isso deixa a desejar. Pra quem vem de fora trabalhar não se conforma com isso [...] (Perguntamos se ele estava satisfeito com o trabalho) Satisfeito? Tô satisfeito não, tô “vazando” já (Informação verbal)³⁴.

Quando começamos a realizar os trabalhos de campo para entrevistar os trabalhadores, muitas ideias surgiram. Nosso ferramental teórico-conceitual indicava várias possibilidades de compreensão do conflito capital/trabalho: as condições de trabalho aviltantes, os salários irrisórios, o descumprimento da legislação trabalhista etc. No entanto, ao conversar com os trabalhadores, além dessas características, outras diferenciadas foram surgindo. Uma delas nos chamou a atenção, pois causava muitos transtornos no cotidiano dos trabalhadores: trata-se de conflitos com policiais militares e seguranças (em alguns casos, policiais realizando trabalho temporário, o chamado “bico”) dos alojamentos. Os trabalhadores descrevem diversas formas de violência, como preconceito, discriminação racial e ameaça com arma de fogo.

[...] o “sistema aqui é bruto”, a segurança no final de ano não melhora, precisa melhorar, porque os [seguranças] que tava aí deu problema, apontando arma na cara dos cara trabalhador. [Foi] o mesmo policial, apontou a arma pra dois trabalhador. Ele tava trabalhando aí, fazendo bico, armado. Aí logo [sic] depois do que aconteceu, logo ontem aconteceu de novo, por isso que a galera hoje não foi trabalhar. A gente teve que reunir e fazer isso aí, porque aqui todo mundo é trabalhador, ninguém é vagabundo aqui... [O segurança] fica pegando a arma e apontando na cara dos outros! E se dispara? Isso aconteceu duas vezes já, e é polícia! Se a gente tá andando na rua eles perguntam: “você é baiano? você é baiano?” Se o cara for baiano vai apanhar [...]. Baiano não pode sair pra cidade então... quer dizer, que preconceito é esse? Nós é que dá lucro pra cidade. Que preconceito é esse? Sempre tem alguns que apronta, não só baiano também como... geral né. Eles tão aí pra fazer a segurança nossa, e não pra dá uma de “tirador de banca”. [...] Apontou foi na frente de todo mundo aqui, chegou a estralar (disparar a arma), e sem motivo nenhum, dizendo ele que recebeu uma denúncia aí de dentro (do alojamento), que o cara falou pra ele que tinha sentido um cheiro de droga aí de fora, aí o cara tava falando com a mulher aí fora no celular, ali, e ele pegou o cara, e levou o cara pra dentro do alojamento, [pra] revistar o alojamento do cara... tinha que ter uma ordem judicial. Não achou droga nenhuma e queria levar o cara pra delegacia. [...] Mas tão resolvendo, já

³⁴ Idem.

mudou o administrador, já tirou aqui o outro encarregado, colocou outro aqui. Por enquanto, o policiamento tão tirando e se colocar vai ser desarmado. Tomara que dê certo, por que se não for assim esse portão vai ser fechado mais uma vez, e agora vai ser de cadeado, e aí não entra mais polícia nem ninguém, só se for pular, e se for pular vai “dar gaió”, aí pronto, nós vamos fazer que nem como fizeram noutros alojamentos, igual lá na “Fazendinha” (Informação verbal)³⁵.

São circunstâncias de indignação denunciadas pelos trabalhadores e não são novidades em suas vidas. Existem contextos e períodos em que auferem ganhos superiores e com condições de trabalho não tão degradantes, mas a condição a que são submetidos é de transitoriedade, devido à forma de atuação do capital neste setor. Instabilidade econômica que em determinados momentos os colocam em situações de vulnerabilidade social. Devido aos baixos salários, muitos não têm condições de arcar com os elevados valores de aluguéis da cidade de Três Lagoas³⁶, daí permanecem nesses alojamentos. Para alguns trabalhadores, há também a necessidade de enviar dividendos para suas famílias.

Sobre os casos demonstrados de preconceito e discriminação racial, é necessário compreender que há uma lógica institucional e estrutural na polícia militar que concebe estes trabalhadores, majoritariamente negros, como inimigos internos a serem combatidos, pois invariavelmente seriam culpados pela criminalidade³⁷. Assim, perpetuam-se os ultrajes contra a dignidade desses migrantes, como podemos verificar em muitos relatos.

[...] têm muitos aqui que trabalham no sol quente, só quem sabe é eles; têm muitos que chega “assado” aqui, não aguenta. Pega sol, chega com dor de cabeça, aí quer dizer o que? Pra quando chegar aqui e o policial tratar a gente como vagabundo, bota a arma na cabeça e chamar de “nego safado”? [é] racismo! (Informação verbal)³⁸

O preconceito contra eles é frequente e a vivência é árdua nos municípios abrangidos no processo. Por vezes, são vistos tão-somente como consumidores de mercadorias e serviços, pois para muitos comerciantes, a presença desses trabalhadores é lucrativa. A prática de cerceamento e violência por parte dos policiais os revolta. São vigiados, seus direitos e anseios são tolhidos, pois para essa força repressiva do Estado, eles representam perigo ao ‘bem-estar’ cidadão (OLIVEIRA, 2011).

³⁵ Idem.

³⁶ Resultantes da dinâmica da renda fundiária urbana, que é alterada sobremaneira beneficiando os capitalistas do setor, processo contrário aos interesses da classe trabalhadora na cidade.

³⁷ Oliveira (2011) expôs esta conjuntura analisando o caso do município de Selvíria, onde foram adotadas práticas discriminatórias semelhantes para com os trabalhadores migrantes que também labutaram na construção/montagem da Eldorado Brasil. Neste município, a discriminação institucionalizou-se na forma de uma política de segurança pública chamada “Operação Candango”.

³⁸ Idem.

APONTAMENTOS FINAIS

A porção Leste de Mato Grosso do Sul tornou-se um território corporativo de grandes empreendimentos com articulações em rede que extrapolam os limites nacionais, conferindo caráter global aos acontecimentos. As tramas de poder que configuram a territorialização do complexo celulose/papel se desenvolvem há anos, despontando em estruturas complexas de reprodução ampliada do capital, como é o caso das relações entre os capitais, o Estado, a exploração dos trabalhadores e a natureza.

Como vimos, o processo de territorialização do complexo celulose/papel (agronegócio do eucalipto) no Mato Grosso do Sul se realizou mediante contradições das mais variadas, com destaque para a intensificação da precarização do trabalho cujo fenômeno mais importante é a terceirização. Entretanto, as mobilizações se tornaram frequentes nos últimos anos. Asseguramos que manifestações e greves já fazem parte da agenda política dos municípios, principalmente de Três Lagoas, cerne do processo, o que é primordial, pois são lutas anticapitalistas (ainda que embrionárias) a favor da construção de uma democracia substantiva.

No contexto pesquisado, a precarização do trabalho se amplia à margem da legalidade. A impunidade garante um ambiente propício ao surgimento de formas retrógradas e ilegais de exploração, ainda que os mecanismos jurídico-regulatórios de gestão do trabalho impostos pela relação Capital-Estado são contrários aos trabalhadores, principalmente nos últimos anos com o desmonte e flexibilização da legislação trabalhista. É interessante ressaltar que, quando as empresas são punidas e multadas, os valores não impactam as taxas de lucro, sendo assim, a estrutura de poder garante a perpetuação de práticas ilegais. Portanto, há supressão de direitos com legitimação do Estado que atende aos interesses empresariais de modo eficaz.

Neste trabalho, procuramos apresentar os conteúdos de maneira objetiva, com linguagem acessível aos mais variados públicos, isto é, não se restringindo ao âmbito acadêmico-científico. Expusemos características notáveis da precarização e sabemos que nas minúcias da relação capital/trabalho surgem formas sutis de exploração e precarização dos trabalhadores, dependendo das particularidades e do modo de atuação dos capitais.

Entendemos que é imprescindível aprofundar as relações entre a universidade e os trabalhadores ligados aos grandes empreendimentos capitalistas. Urge pensar em estratégias de aproximação (práticas de extensão, formação/trabalho de base, maior diálogo

entre as diferentes formas de conhecimento etc.) com o intuito de construir frentes estratégicas, em que o pesquisador-trabalhador seja também um sujeito direto das lutas anticapitalistas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Silvana de. **Planejamento governamental: A SUDECO no espaço Mato-Grossense: contexto, propósitos e contradições.** 2001. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. A territorialização do agronegócio do eucalipto na região Leste de Mato Grosso do Sul e o cerco à reforma agrária. In: **Anais... XVI ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS.** Porto Alegre/RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

ALUGUEL de imóvel com dois quartos chega a R\$ 1 mil em Três Lagoas. TV Morena. Disponível em: <<http://minutoms.com.br/noticias/default.aspx?id=2090&tipo=s>>. Acesso em: 23 jan. 2013.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo.** São Paulo: Boitempo, 2000.

_____. Terceirização e acumulação flexível do capital: notas teórico-críticas sobre as mutações orgânicas da produção capitalista. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.16, n.31, p.409-420, 2011.

ASEVEDO, Tayrone Roger Antunes de. **Territorialização e reestruturação produtiva dos agronegócios nas microrregiões geográficas de Tangará da Serra/MT e Três Lagoas/MS: desdobramentos e desafios para as classes subalternas.** 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013.

DIETERICH, Matias Frederico. **Análise do setor de celulose e avaliação da Votorantim Celulose e Papel.** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mercado de Capitais)-Departamento de pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FIBRIA investe na formação de base florestal de Três Lagoas para antecipar segunda unidade industrial. São Paulo, 16 ago. 2010. Disponível em: <http://www.fibria.com.br/web/pt/midia/noticias/noticia_2010ago16.htm>. Acesso em: 21 ago. 2010.

FILGUEIRAS, Vitor Araújo. Terceirização e trabalho análogo ao escravo: coincidência? **Repórter Brasil**, 24 jun. 2014. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2014/06/terceirizacao-e-trabalho-analogo-ao-escravo-coincidencia/>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

FRIAS, Maria Cristina. Holding da JBS compra parte de sócio da Eldorado. Folha de São Paulo, 03 jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariacristina/1099486-holding-da-jbs-compra-parte-de-socio-da-eldorado.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

FUNCIONÁRIOS da Eldorado aceitam acordo e voltam ao trabalho. Perfil News. 03 mai. 2011. Disponível em: <<http://www.perfilnews.com.br/tres-lagoas/funciABonarios-da-eldorado-aceitam-acordo-e-encerram-greve>>. Acesso em 28 jun. 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo. Edições Loyola, 1992.

KUDLAVICZ, Mieczslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas/MS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

MAGNABOSCO, André. Anunciada criação da Fibria, fusão entre Aracruz e VCP. Agência Estado. 01 set. 2009. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/noticias/economia/anunciada-criacao-fibria-fusao-aracruz-vcp-514631.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2012.

OJEDA, Ricardo. Caso as reivindicações não forem atendidas trabalhadores vão cruzar os braços. Perfil News, 15 nov. 2011. Disponível em: <<http://www.perfilnews.com.br/tres-lagoas/trabalhadores-da-montcalm-denunciam-maus-tratos-e-ameacam-entrar-em-greve>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

_____. Representantes das empreiteiras e o comando da greve ainda não chegaram a um acordo. Perfil News. 17 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.perfilnews.com.br/tres-lagoas/greve-chega-ao-nono-dia-e-paralisa-obras-da-eldorado>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

OLIVEIRA, André Luis Amorim de. **Aspectos da dinâmica socioterritorial do trabalho terceirizado**: em busca dos “territórios terceirizados”. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2014.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto. Operação candango da PM: discriminação de operários. Jornal do Povo. 08 nov. 2011. Disponível em: <http://www.jptl.com.br/?pag=ver_noticia&id=43231>. Acesso em: 02 dez. 2012.

ELOY, Pollyanna. OITO mil operários parados. Minuto MS, 23 ago. 2013. Disponível em: <<http://minutoms.com.br/noticias/default.aspx?id=5869&tipo=n>>. Acesso em: 13 dez. 2012.

PAKKASVIRTA, Jussi. **Fábricas de celulosa: histórias de la globalización**. Buenos Aires: Editorial La Colmena, 2010.

PERPETUA, Guilherme Marini. **A mobilidade espacial do capital e da força de trabalho na produção de celulose e papel: um estudo a partir de Três Lagoas (MS)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande-Dourados, Dourados, 2012.

PYL, Bianca. Seringueiros são libertados de fazenda de dono de shopping. Repórter Brasil. 06 jul. 2009. Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2009/07/seringueiros-sao-libertados-de-fazenda-de-dono-de-shopping/>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

SEM água, funcionários colocam fogo em alojamento, diz polícia de MS. 10 dez. 2011. <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/12/sem-agua-funcionarios-colocam-fogo-em-alojamento-diz-policia-em-ms.html>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

SEVERO, Leonardo. Crime sem castigo da empresa Eldorado, em Três Lagoas. **Brasil de Fato**, 10 abri. 2012. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/content/crime-sem-castigo-da-empresa-eldorado-em-tr%C3%AAs-lagoas>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

SICHITO, Marjory. Prefeita e Governador lançam pedra fundamental da maior fábrica de celulose do mundo em Três Lagoas. Três Lagoas/MS, 16 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.treslagoas.ms.gov.br/noticias/?id=4115>>. (acesso em 23 jun. 2010)

SILVA, Cristovão Henrique Ribeiro. **A lógica da territorialização da indústria: o parque industrial em Três Lagoas – MS de 1990-2010**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013.

SITREL inicia operações em Três Lagoas (MS). Painel Florestal, 09 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.painelflorestal.com.br/noticias/brasil/sitrel-inicia-operacoes-em-tres-lagoas-ms>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

TERCEIRIZAÇÃO: porta de entrada para a precarização. Entrevista especial com Ricardo Antunes. 21 mai. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/509660-terceirizacao-porta-de-entrada-para-a-precarizacao>>. Acesso em: 22 out. 2013.

WAGNER, Valter Jossi. Três Lagoas vai ser polo internacional de celulose. Celulose Online, 01 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.celuloseonline.com.br/noticias/trs+lagoas+vai+ser+polo+internacional+de+celulose>>. Acesso em: 23 ago. 2011.